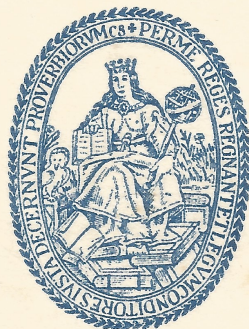


**BOLETIM DO ARQUIVO
DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

Volume VIII



COIMBRA • 1986

Boletim do Arquivo
da
Universidade de Coimbra

Volume VIII



COIMBRA • 1986

UM PROJECTO NEO-MANUELINO PARA UM MUSEU DE BELAS ARTES DE COIMBRA

Das colecções do Museu Nacional de Machado de Castro, faz parte um projecto para um Museu de Belas Artes, certamente destinado a realizar na cidade de Coimbra. O projecto está assinado e datado: *Luis Bastos inv. e des. 1870* (1). O que surpreende não é tanto a sua concepção estilística em vigoroso neo-manuelino, antes a sua precocidade num meio em que só decorridos alguns anos surgirão os primeiros esboços revivalistas.

Quando a Europa se debatia já na tentativa de resolução dos problemas humanos advindos da industrialização, Portugal dava os primeiros passos na adopção da máquina que não abria ainda, nesta segunda metade do século XIX, brechas profundas no tecido sociológico. A nostalgia romântica que abraçava a Europa constituia, em parte, a resposta à dura realidade da época; as doutrinas vindas do século XVIII tomam corpo, desencadeando o refúgio na invocação da natureza e dos valores humanos e valorizando o passado, com especial incidência num tempo medieval. As artes assumem esse mal estar social, na espera vã da concretização das teorias do progresso.

A generalização das fórmulas artísticas do Romantismo vai ser tardia em território português, já porque a conjuntura económica e sócio-ideológica não se centra aos níveis europeus, já porque a insuficiência e arcaísmo das Escolas de Belas Artes de Lisboa e do Porto concorrem para a estagnação das artes.

Na viragem para a segunda metade do século XIX, Coimbra virava costas a uma tradição artística secular e parecia satisfazer-se na contemplação das memórias antigas.

Vai ser pela iniciativa, quase sempre isolada, de alguns homens que mais sentem a asfixia do meio, que, pouco a pouco, se irá despertando o interesse de gerações, empenhadas na superação da modorra

(1) N.º de Inv. p. 70. D.: 545 mm × 815 mm.

citadina. Nas páginas do Conimbricense e na tribuna da vereação camarária, Joaquim Martins de Carvalho e António Augusto Gonçalves denunciavam a apatia cultural, pugnando pela urgência de um ensino artístico e consequente formação de escolas.

Por outro lado, grande parte dos edifícios antigos encontravam-se em estado de manifesta degradação, à espera de um restauro que tardava em surgir. O espólio artístico de numerosos conventos e antigos colégios evaporava-se ou apodrecia em salas inadequadas à sua conservação. A necessidade da constituição de um museu, capaz de salvaguardar o património artístico e levá-lo ao conhecimento da população, é também sentida por A. A. Gonçalves que, nesse sentido e uma vez mais, empenha os seus dotes de lutador.

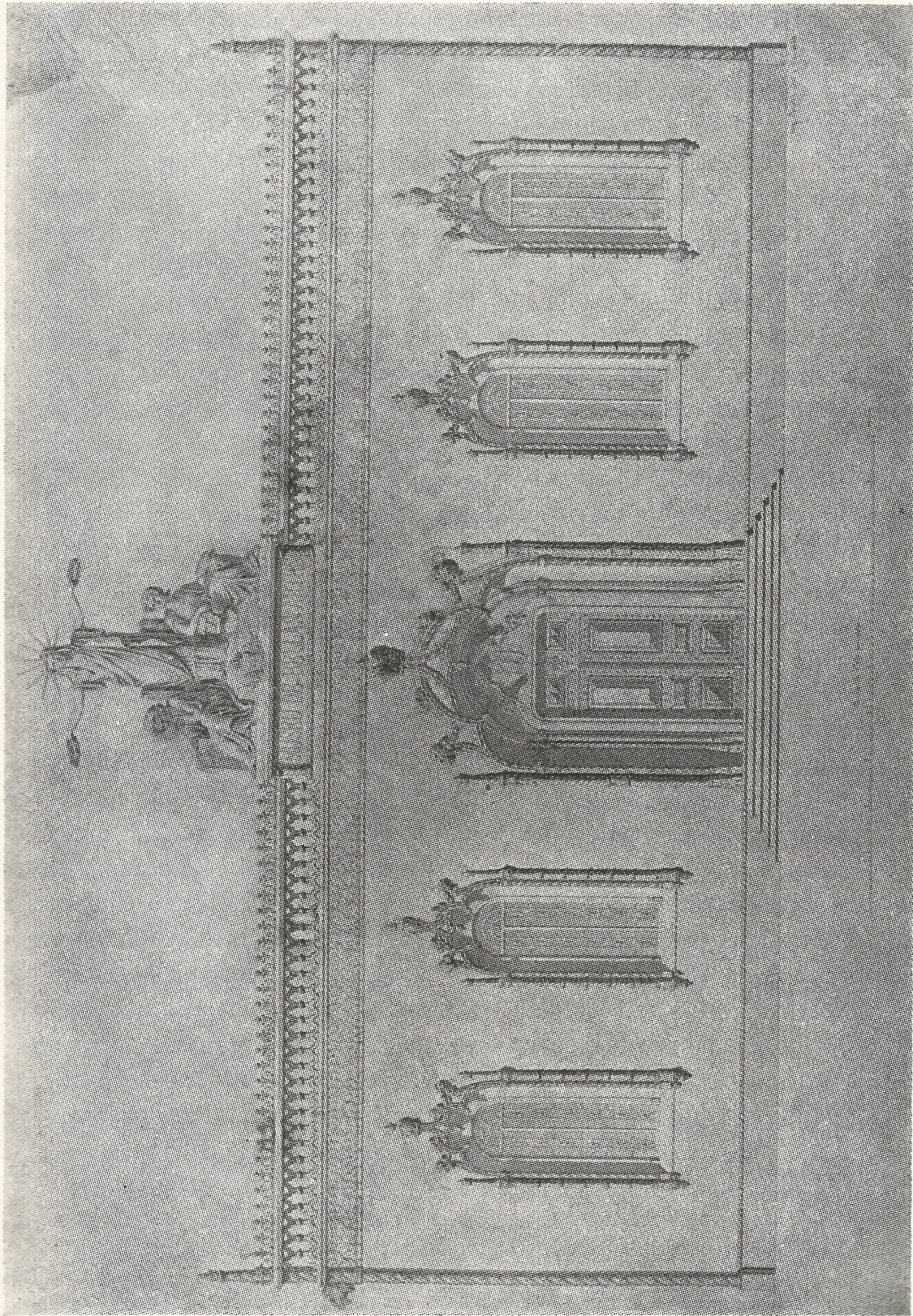
Em 1870 Luis Bastos traduz o sonho que apenas volvidos alguns anos se realizaria. A tentativa levada a cabo pela Escola Livre em 1884, para a criação de um museu municipal não surtiu efeito; finalmente, em 15 de Dezembro de 1889, inaugurava-se na galeria norte do Claustro de Santa Cruz (arranjada para o efeito), o Museu Municipal de Arte e Indústrias de Coimbra, com objectos de algumas casas religiosas da área citadina e do Mosteiro do Lorvão, além de ofertas e empréstimos particulares (2).

Mas as esperanças de continuidade cedo se desvaneceram. As desinteligências entre o conservador do Museu (Mestre Gonçalves) e a incompreensão da entidade camarária depressa se manifestam. Em 5 de Abril de 1890, a Câmara dita o encerramento temporário (que haveria de ser definitivo) deste primeiro esforço de recuperação de um espólio artístico. Os particulares solicitaram a entrega dos seus objectos e o que não se perdeu irremediavelmente, passaria para a guarda do Estado nas instalações da Escola Industrial (que viria a ser pasto de um incêndio em Janeiro de 1917). Diligentemente, tratou Mestre Gonçalves de salvar algumas peças transportando-as para o Museu de Antiguidades do Instituto, inaugurado em 1895. Daqui, seguiriam finalmente para o Museu Machado de Castro (3).

A realidade coimbrã é tanto mais confrangedora quanto o ditava o seu distanciamento dos grandes centros divulgadores das novas correntes estilísticas (quase exclusivamente confinados a Lisboa).

(2) J. Pinto Loureiro (Organização de), *Anais do Município de Coimbra — 1890-1903*, Ed. da Biblioteca Municipal, Coimbra, 1939, pp. XI-XLV.

(3) Idem, *Ibidem*.



Projecto de Luis Bastos para fachada de Museu de Belas-Artes.

Em Portugal, os neos, a lembrarem as glórias e riquezas passadas, mostravam-se à altura de satisfazer as necessidades de um estrato da população, acalmando as contradições de uma sociedade que, protegendo uma vivência de Antigo Regime, enfrenta as primeiras arremetidas da era industrial. Mas, se o sentido revivalista acaba por chegar até nós, é sem dúvida o neo-manuelino que melhor encarna o espectáculo da ode nacional, e, nascido na Pena, atrai, por mais de meio século, a fantasia de arquitectos que respondem às exigências da época.

Em Coimbra, esta dinâmica desenvolve-se fundamentalmente na década de 80 e irá prolongar-se até aos primeiros anos do século xx, atendendo às modernas concepções estéticas e ao gosto de uma sociedade que transporta para a fachada das suas casas um luxo pretencioso. Com efeito, será só a partir da construção do Palácio do Buçaco (para cujo projecto (1888) se não quiseram aproveitar as potencialidades nacionais), que os alunos da Escola Livre das Artes e do Desenho (fundada em 1878) desencadearão grande actividade, preenchendo a um tempo, espaços citadinos que o aumento populacional obrigava a alargar e zonas estilísticas, finalmente custeadas por uma burguesia que começava a prosperar (4).

Em 1870, Luis Bastos soube já interpretar o sentido da identificação nacional e dar-lhe corpo num grande projecto cuja fachada (se tivesse sido realizada) haveria de medir aproximadamente 27 metros. O artista tinha na cidade, todo um manancial de informações arquitectónicas saídas do período manuelino a tornar possível uma tal concepção.

A fachada do Museu remete-nos à exuberância e ao complicado das formas do primeiro terço de quinhentos. O portal, com os colunelos a imitar os do gótico final e o duplo arco trilobulado, quase que evocam a maneira construtiva de Marcos Pires. Dentro do esquema geral da arquitectura deste período, estão também as quatro janelas que ladeiam o portal e a platibanda que corre superiormente a conferir vigor ao projecto. Só as gárgulas em forma de cabeça de leão e o conjunto escultórico a encimar, num plano central, esta fachada, denunciam épo-

(4) J. Pinto Loureiro (Organização de), *Anais do Município de Coimbra — 1870-1889*, Ed. da Biblioteca Municipal, Coimbra, 1937, pp. LVI-LXX; Amadeu José de Carvalho Homem, *Ideologia e Indústria. A Exposição Distrital de Coimbra em 1884*, «Revista de História das Ideias», 6 (1), Coimbra, 1984, pp. 395-415; Regina Anacleto, *Arquitectura Revivalista de Coimbra*, «Mundo da Arte», n.º 8-9, Coimbra, 1982, pp. 3-29.

cas posteriores. É este conjunto constituído por três figuras femininas alegóricas: uma, de pé e cabeça raiada, segurando coroas de louros, estende os braços em atitude protectora para as figuras da pintura e escultura e da arquitectura.

Se nos lembrarmos que no mesmo ano de 1870, António Tomás da Fonseca faz também em Lisboa um outro projecto de fachada para Academia de Belas Artes, Biblioteca e Museu, de pleno sabor clássico, o projecto de Luis Bastos assume um carácter vanguardista que é necessário realçar (5).

Mas é este um artista de múltiplas facetas. Se a Mestre Gonçalves cabe, sem dúvida, um lugar cimeiro na luta pela vivificação de um espaço cultural e artístico, a figura de Luís Bastos, mais apagada embora, não deixa por isso de merecer digno relevo na dura batalha do ensino.

Ele é antes de mais um professor, carreira a que consagra largos anos da sua vida com uma dignidade e modéstia reconhecidas pelos seus contemporâneos.

Em Outubro de 1857, sendo já professor particular de Desenho, é nomeado para reger a cadeira de Desenho anexa à Faculdade de Matemática, cargo que irá desempenhar até Junho de 1871. Simultaneamente, assume as funções de professor do Curso de Desenho Linear no Liceu Central de Coimbra, desde Outubro de 1861 (6). Se atentarmos nas palavras de Eduardo Mendes Simões de Castro, publicadas na «Revista da Exposição Distrital de 1884», ganhará mais valor toda a acção pedagógica de Luis Bastos: «*Coimbra é desprovida de elementos para a cultura das Bellas-artes. N'esta cidade, a não ser a moderna Eschola Livre, de iniciativa particular, e as aulas de desenho do Lyceu e da Universidade, dous institutos officiaes que pela sua organização e fins immediatos não podem escolher nem aproveitar aptidões, carece-se de recursos validos que rasgadamente auxiliem e desenvolvam as vocações decididas que temos aqui para os variados ramos das Bellas-artes*» (7).

O que mais releva na personalidade deste artista é o seu jeito de interpretar a natureza. Os seus desenhos a carvão transportam-nos

(5) José Augusto França, *A Arte em Portugal no século XIX*, 1.º vol. Livraria Bertrand, Lisboa, 1981, pp. 226 e 387.

(6) A.U.C. Pastas dos Professores da Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra: *Luis Bastos*.

(7) Eduardo Mendes Simões de Castro, *Cartas ao «Commercio do Porto»*, «Revista da Exposição Districtal de 1884» (Ed. fac. simulada), Coimbra, 1984, pp. 18-19.

a uma paisagem eivada de suave melancolia. A propósito dos quatro desenhos apresentados na Exposição de 1884, com os quais haveria de ganhar um 1.º Prémio na secção de Belas Artes, Joaquim de Vasconcelos, num artigo intitulado, *As Bellas Artes na Exposição de Coimbra*, integrado na «Revista Illustrada da Exposição Districtal de Coimbra em 1884», refere o seguinte: «O sr. Luiz Augusto Pereira Bastos, professor de desenho muito estimado em Coimbra, expõe paisagens do districto: Bussaco e Mondego, e uma de Leça da Palmeira (Porto). Qualquer d'ellas bastaria para attrahir a attenção; o sr. Bastos traduz as suas impressões com verdadeira poesia e consegue, com um modesto carvão, o que muitos não alcançam com a palheta mais bem guarnecida; na scena do Choupal, no horisonte da Porta de Coimbra, nos pinheiros de Leça ha uma nota elegiaca, tirada de um Adagio de Bellini. A escala de expressão do seu instrumento não será muito extensa, mas ninguém poderá negar que é característica, e que reflecte um temperamento artístico pouco vulgar nos desenhadores dos nossos tempos» (8).

Sensibilidade na interpretação paisagística, vivacidade criadora nos retratos, rigor no desenho anatómico, pioneiro no advir de correntes estético-culturais, eis algumas das características de um artista que, no século xx, tende a ser esquecido.

LURDES CRAVEIRO

(8) Joaquim de Vasconcellos, *As Bellas Artes na Exposição de Coimbra*, «Revista Illustrada da Exposição Districtal de Coimbra em 1884» (Ed. fac-similada), Coimbra, 1984, p. 51.

ÍNDICE

	Págs.
Pinturas de João Pedro Binhetti na Universidade de Coimbra — Pedro Dias	3-16
Um projecto neo-manuelino para um Museu de Belas Artes de Coimbra — Lurdes Craveiro	17-22
João Baptista Ribeiro: Os retratos da Sala dos Capelos — António Filipe Pimentel	23-63
Autógrafos de Frei Jerónimo de Azambuja e de Frei Martinho de Ledesma — Isaías da Rosa Pereira	65-73
Vinte anos na vida da Faculdade de Medicina (1835-1855) — José Carlos Machado Patrício	75-212
Subsídios para a história da Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra. Livros estrangeiros consultados na última fase da sua existência — Manuel Augusto Rodrigues	213
As primeiras mulheres na Universidade de Coimbra — Joaquim Ferreira Gomes	243-257
Para uma história da Imprensa e da Censura em Portugal nos séculos XIV a XVI — Manuel Cadafaz de Matos	259-285
Decreto — Lei relativo à passagem do Arquivo para a tutela da Universidade	287-288
Memórias da Universidade — Manuel Augusto Rodrigues	
Homenagem da Faculdade de Letras ao Doutor António de Vasconcelos	289-291
As comemorações do IV Centenário da transferência definitiva da Universidade para Coimbra em 1937	291-293
Homenagem ao Prof. Doutor António de Vasconcelos seu primeiro Director	294-297
Actividades do Arquivo	299-307
Índice de artigos do Boletim do A.U.C. — vol. I a VII	307-309
Publicações recebidas por permuta	310-314
Publicação do Arquivo da Universidade de Coimbra	315-318

ÍNDICE

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DA «IMPRESA DE COIMBRA»
LARGO S. SALVADOR, 1 A 3 — COIMBRA